

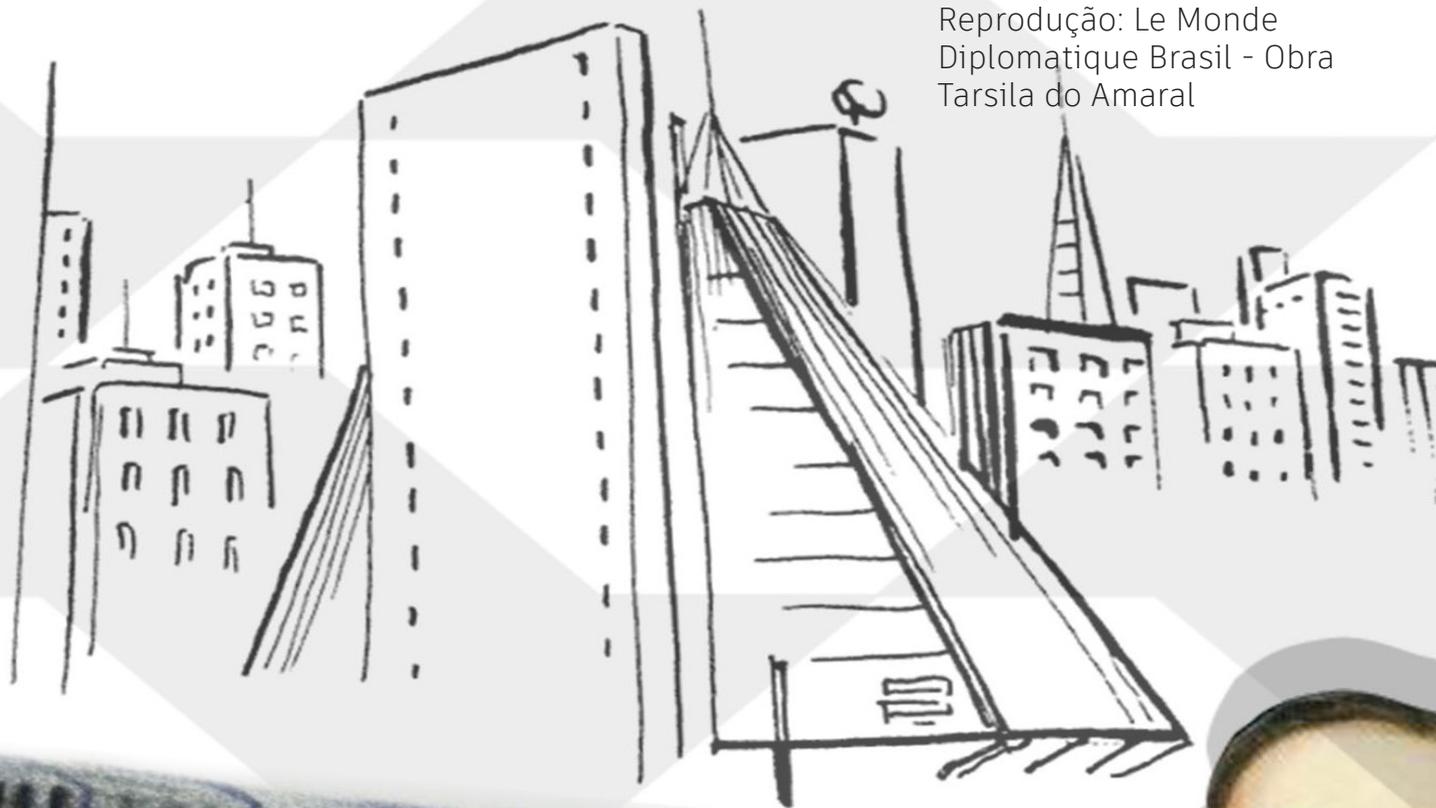


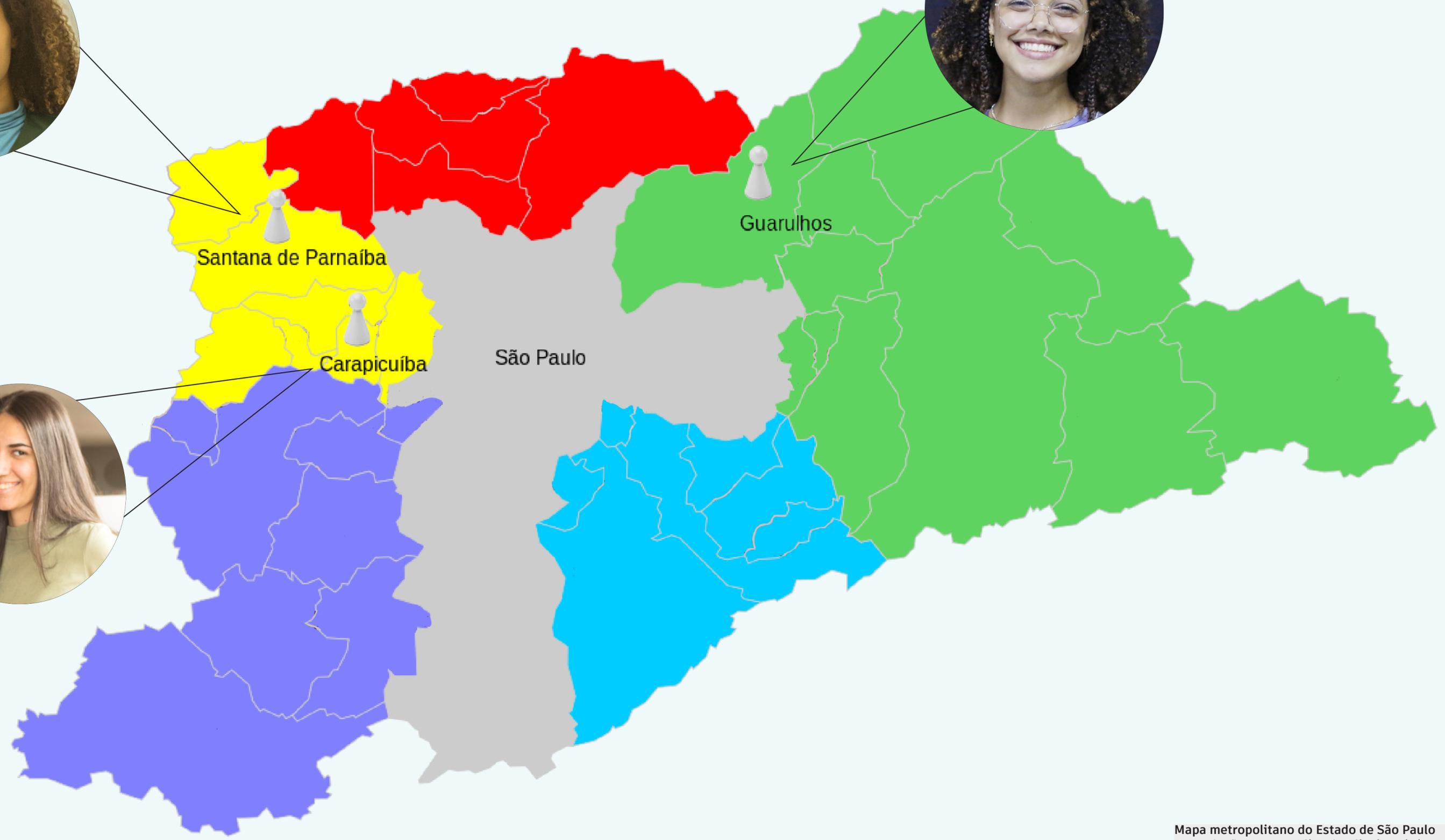
E se essa cidade fosse minha?

Por: Beatriz Ramos, Isabela do Carmo, Isabella Brasil, Izabela Malagola, Julia Alves e Marília Carvalho

Ilustração: Teo Silva
Reprodução: Le Monde
Diplomatique Brasil - Obra
Tarsila do Amaral

Numa sociedade em que há uma enorme discrepância entre as classes sociais, a forma que os desfavorecidos encontram para trilhar o caminho desejado é utilizar o transporte público. Nossas personagens são mulheres negras que enfrentam todos os desafios e frustrações acerca da mobilidade urbana em São Paulo em busca de um destino final: o diploma universitário.





Mapa metropolitano do Estado de São Paulo
 Reprodução: Marcos Elias de Oliveira Júnior
 Fotos: Marília Carvalho e Leonardo Zanella

Mobilidade urbana é direito à cidade, porém, embora os espaços sejam públicos, é difícil sentir-se pertencente em ambientes que minam os sonhos das pessoas que moram longe da grande metrópole paulista. O transporte coletivo é um dos princípios constitucionais vinculado à construção de uma cidade mais democrática, mas como ter acesso a esse bem-estar com trânsitos constantes, passagens superfaturadas e superlotação?

As pessoas resistem, todos os dias, em meio à má qualidade de mobilidade urbana em São Paulo. Enfrentando situações precárias em prol de um sonho: o diploma.



ma das muitas lutas para se locomover em São Paulo: o metrô da cidade.

Foto: Roberto Costa

“Não dá, eu não consigo...”

Nicolly, 20, é uma mulher preta com sorriso marcante, cabelo crespo e óculos de lentes redondas. Os olhos que geralmente são brilhosos mudam quando o assunto é mobilidade urbana: gatilhos de momentos traumáticos são instantaneamente disparados e as emoções ficam nítidas após o assunto vir à tona. A estudante de Psicologia passou por episódios frustrantes ao utilizar o transporte público e, após balançar as mãos de um jeito fofo e apavorado, faz cara de choro, contando com detalhes o caso. A princípio, iniciou os estudos em uma universidade na Vila Maria. Ela é residente do município de Guarulhos, seu campus não era distante, ela conseguia ir com um só ônibus e ficava cerca de 15 minutos até o destino, contanto que não estivesse



Nicolly Alves

Estudante de Psicologia

Símbolos do curso de Psicologia.
Montagem: Isabela do Carmo

trânsito. Com o início da pandemia tudo mudou e ela foi transferida para o campus da Vila Prudente, então ela me conta: “De início pensei: ‘Acho que vai dar certo, dá para acontecer, eu vou tentar’, a aula presencial era só um dia da semana, mas era minha primeira vez indo para a Vila Prudente”. Mas ela não imaginava que passaria tanto perrengue.

Com antecedência foi para o ponto de ônibus às 16h, vale ressaltar que estava dentro do horário que o aplicativo avisou que o ônibus passaria, mas ele atrasou cerca de 50 minutos. A aula tinha início às 18h30 e, com todo esse transtorno causado por atraso de ônibus, trânsito, baldeações, caminhada até a universidade, ela chegou na aula às 20h com sua energia já esgotada, atrapalhando seu rendimento para assistir às aulas e desmotivada a seguir um semestre inteiro nesse caos de São Paulo.

Além dos problemas na ida, tinha a hora da volta. A aula acabou às 22h, ela foi com alguns amigos até certo ponto, mas depois seguiu sozinha.

**Esbravejou
claramente
incomodada como
é desesperador se
sentir indefesa em
uma cidade tão grande,
perigosa, e o pior, a
noite, além de ter que
se arrumar com roupas
“malucas”, assim ela
diz: “O desejo é passar
despercebida”.**

Fora a preocupação da família, que não tinha como buscar ela em algum lugar.

Na segunda tentativa de ir à aula ela saiu no horário planejado, mas decidiu pegar outro ônibus para ir até o metrô e, novamente com seu jeito meigo e uma cara de choro, relata que deu tão errado e que se desesperou tanto a ponto de chorar ali mesmo onde estava.

É irônico como as expressões dela se modificam a cada segundo e, agora, mesmo com um semblante feliz, um dos sentimentos retratados foi raiva, ela ressalta: “mesmo que haja organização, você vai se decepcionar e chegar atrasado”, diz isso enquanto bate o dedo indicador na mesa. A falha mobilidade urbana que suga sua energia e te desmotiva a viver nessa situação caótica e cansativa faz mais uma vítima.

Nicolly não tem apenas os exemplos das idas à faculdade como pauta, mas sim todas as experiências traumáticas que lhe causaram estresse e ansiedade dentro de transportes públicos. Ela desabafou sobre ser moradora de Guarulhos e depender dos meios de locomoção. Os ônibus são bem falhos, há muitos atrasos, tem que viver contando com a sorte,

nunca é possível chegar no horário e enfatiza sobre o interior dos transportes:

**“É um ar tão pesado,
pessoas exaustas
emanando energias
cansativas e, se chove, a
situação piora, é um fedor
terrível, normalmente
já fede, mas com chuva
todos ficam parecendo
cachorros molhados
amassados em uma
latinha, o ônibus fica
cheio de água e lama.
Ou seja, ninguém
merece esse descaso
todo”.**

Ela acabou desistindo de tentar ir à faculdade após a segunda tentativa frustrante, isso gerou desgaste físico e mental. Com um ar desapontado finaliza seu relato: “Eu já tinha uma falta porque na primeira semana de aula eu não pude ir e, com essa minha desistência foram duas faltas, fiquei de DP. Eu comecei a chorar porque eu pensei: ‘Se eu continuar esperando aqui, ou até pedir um Uber, vou acabar chegando muito atrasada’, aí fui para casa. Comecei a chorar muito perto da minha família e disse:

**‘Não dá, eu não
consigo...’ e, me
aconselharam a não ir
mesmo porque não tinha
como, fora a minha
segurança em risco.**

Nicolly, estudante de Psicologia, que sofre muito com a mobilidade para se deslocar em sua cidade e fora dela.
Foto: Leonardo Zanella





Guarulhos

16h

Foto: Acácio Nascimento



UNINOVE

Vila Prudente

20h

Foto: Alunove

Local de início e término do trajeto da Nicolly.

“Cheguei no ônibus e... podia ser diferente”



Carapicuíba

7h

Foto: Governo do Estado de SP

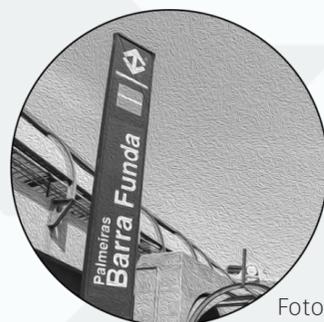


Estação

Carapicuíba

7h30

Foto: Ricardo Guimarães



Barra Funda

8h16

Foto: Metrô de São Paulo



Bresser-Moooca

8h36

Foto: Paulo Pinto

Local de início e término do trajeto da Bianca.

Mais um dia, Bianca, mulher preta e periférica, 21, 1,65 de altura, cabelo preto cacheado e que luta muito pelo seu futuro, está a caminho da sua tão amada graduação em Jornalismo. Ela acordou no horário e seu pai a deixou no ponto, parecia estar tudo bem, até pegar seu ônibus em Vila Veloso, Carapicuíba, onde mora. A linha 15 da empresa Del Rey que a leva até a estação de trem da cidade estava, mais uma vez, lotada. São 7h, ela ainda tem tempo até chegar na Universidade Anhembi Morumbi, na Moooca, mas com o trânsito que a espera, não dá para aguardar por outro, que ela nem imagina a hora que passará.

As pessoas se apertam cada vez mais dentro do ônibus, ninguém ali tem culpa da situação horrível e desconfortável que é a ida até a estação de trem, todos precisam daquele transporte, mas o ambiente não é agradável: empurrões, cotoveladas, além de todo o trânsito que obriga Bianca e todos passarem mais tempo confinados naquele espaço apertado. “Estava num bom dia, mas cheguei no ônibus e...”. Boa parte de sua energia é sugada pelos 30 minutos até a estação naquele ônibus quente e desagradável, ainda falta bastante para chegar ao destino final.

Na estação Carapicuíba, ela pega o trem, o que não é uma tarefa fácil.

Passa um, lotado, impossível de entrar. Passa outro, muito cheio, perdendo mais tempo na plataforma. No terceiro, ainda lotado, ela entra. Esses minutos são horríveis, parece que as pessoas perdem a educação nos transportes públicos.

Todos se espremam, mesmo, claramente, não cabendo mais ninguém naquele espaço.

O caminho dentro dessa lata de sardinha sem educação é quase um desafio de sobrevivência.

Ela desce na Barra Funda, onde faz a baldeação para o metrô, finalmente! Afinal, já são 8h16 e sua aula começa às 8h50. A linha Vermelha está cheia, como sempre, e no horário de pico, ainda pior. A terceira lata de sardinha do dia. O que motiva Bianca a passar por tudo isso é o sonho de se tornar uma jornalista investigativa, mas conclui indignada: “Não precisava ser dessa forma. Parece que os responsáveis pelos transportes fazem de tudo para dificultar o caminho”.

Faltam 14 minutos para sua aula começar. Dá tempo de chegar, são só alguns minutos andando, mas ela enfatiza que é muito ruim andar a pé num lugar sendo mulher, você se sente muito indefesa, só de ver o movimento a sua volta, diversas coisas passam pela sua cabeça e nos deixam sempre em estado de alerta. Ela decide esperar o fretado até a faculdade e chega em cima da hora.

Bianca me conta isso numa chamada de vídeo. Seu semblante sempre alegre, calmo e acolhedor, não está assim, agora, ela se mostra com raiva pela situação, mas, além disso, cansada! Cansada por todo esse transtorno para conseguir estudar e por toda a situação.

Símbolos que representam o Jornalismo.
Montagem: Isabela do Carmo
Foto: Marília Carvalho



Bianca Silva
Estudante de Jornalismo

“O estudo é a única maneira que eu encontrei de sair do lugar onde eu nasci”

Fabi é uma mulher negra, 21, possui 1,60 de altura e tem pequenas mechas cor de mel no fim do caracol dos cachos. O encontro com a estudante tem a intenção de acompanhá-la durante o trajeto que ela faz, ao atravessar duas cidades para chegar à aula. A entrevista inicial se deu no Terminal de Ônibus de Santana de Parnaíba. Pontualmente às 16h30, Fabi desce de uma van, que se estaciona próximo aos ônibus intermunicipais. Com um semblante sereno, ela me procura com os olhos, direcionando-se a mim com um sorriso tímido no rosto. Ela me leva à plataforma do ônibus 467, que faz ponto final em São Paulo. Fabi pega essa linha diariamente após o estágio, para conseguir chegar à Universidade Anhembi Morumbi, na Mooca, onde cursa Medicina Veterinária.

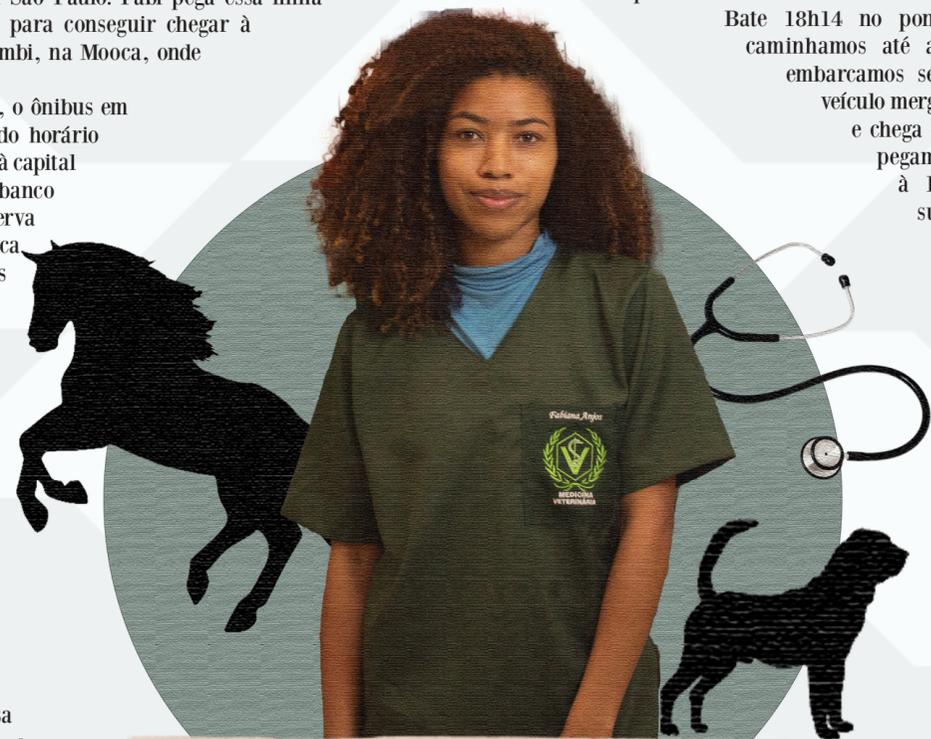
Com 5 minutos de atraso, o ônibus em questão sai quase próximo do horário do pôr do sol, partindo rumo à capital paulista às 17h. Sentada no banco ao lado da janela, Fabi observa a paisagem verde correr e fica introspectiva por alguns minutos. A quebra de silêncio é dada com a estudante puxando assunto, ao contar como é o dia a dia no transporte público. Fabi sai às 9h30 de casa e utiliza dois ônibus para chegar ao estágio, no Centro de Zoonoses parnaibano. Na volta, às 16h, ela embarca em uma van disponibilizada pela empresa, que deixa os funcionários no terminal de ônibus da cidade.

Às 17h27 nossa conversa é interrompida pela lotação e calor do ônibus, logo em seguida é paralisado por conta de um trânsito pesado na Av. Tenente Marques, ainda em Santana de Parnaíba. Logo depois, Fabi diz:

“O que mais me incomoda no transporte público, é a quantidade de pessoas dentro dele. Isso gera um grande desconforto”.

A estudante também desabafa sobre o trânsito paulista:

“Eu sinto muita revolta, dá vontade de ir para casa. Penso que vou chegar 30 minutos atrasada no meu



Fabiana Anjos
estudante de Medicina Veterinária

compromisso, é um tempo que perdi e vai me impactar de alguma forma. Fico bem incomodada”.

O tempo corre e o ônibus volta a seguir. Fabi pega o celular e confere o relógio, mas com um olhar distante e preocupado, verifica o trajeto na expectativa de não estar atrasada para a aula sobre equinos.

Bate 18h14 no ponteiro, descemos do ônibus e caminhamos até a estação de trem. Às 18h20 embarcamos sentido Barra Funda, porém o veículo mergulha em uma lentidão constante e chega ao destino às 18h40. Às 18h45, pegamos outro metrô com destino à Bresser-Mooca. Por conta da superlotação, ficamos presas no meio do vagão e perdemos a parada, tivemos que descer na estação seguinte e retornar à Mooca. No meio disso, nós duas perdemos a comunicação verbal, já que nossas vozes eram ofuscadas pelo burburinho e ruídos do metrô.

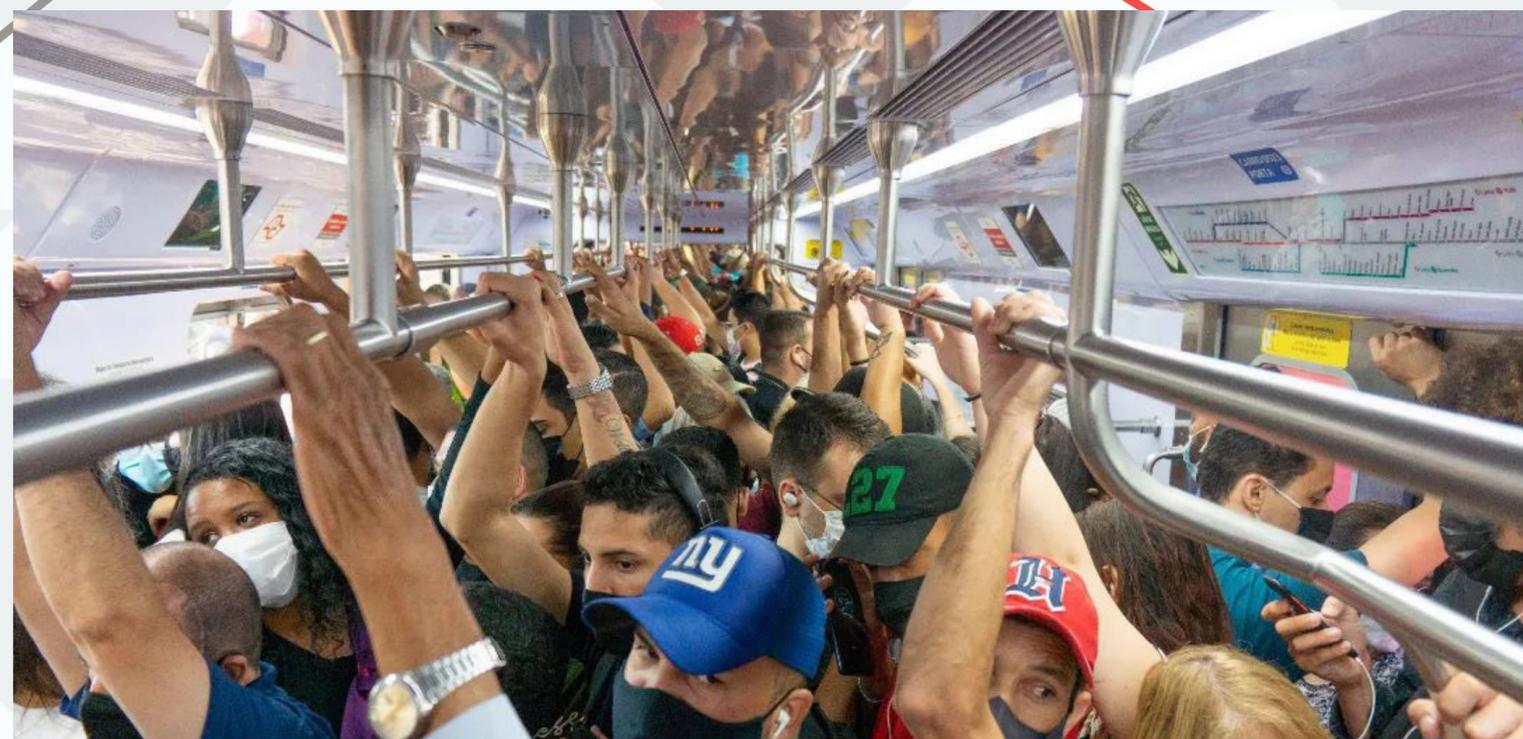
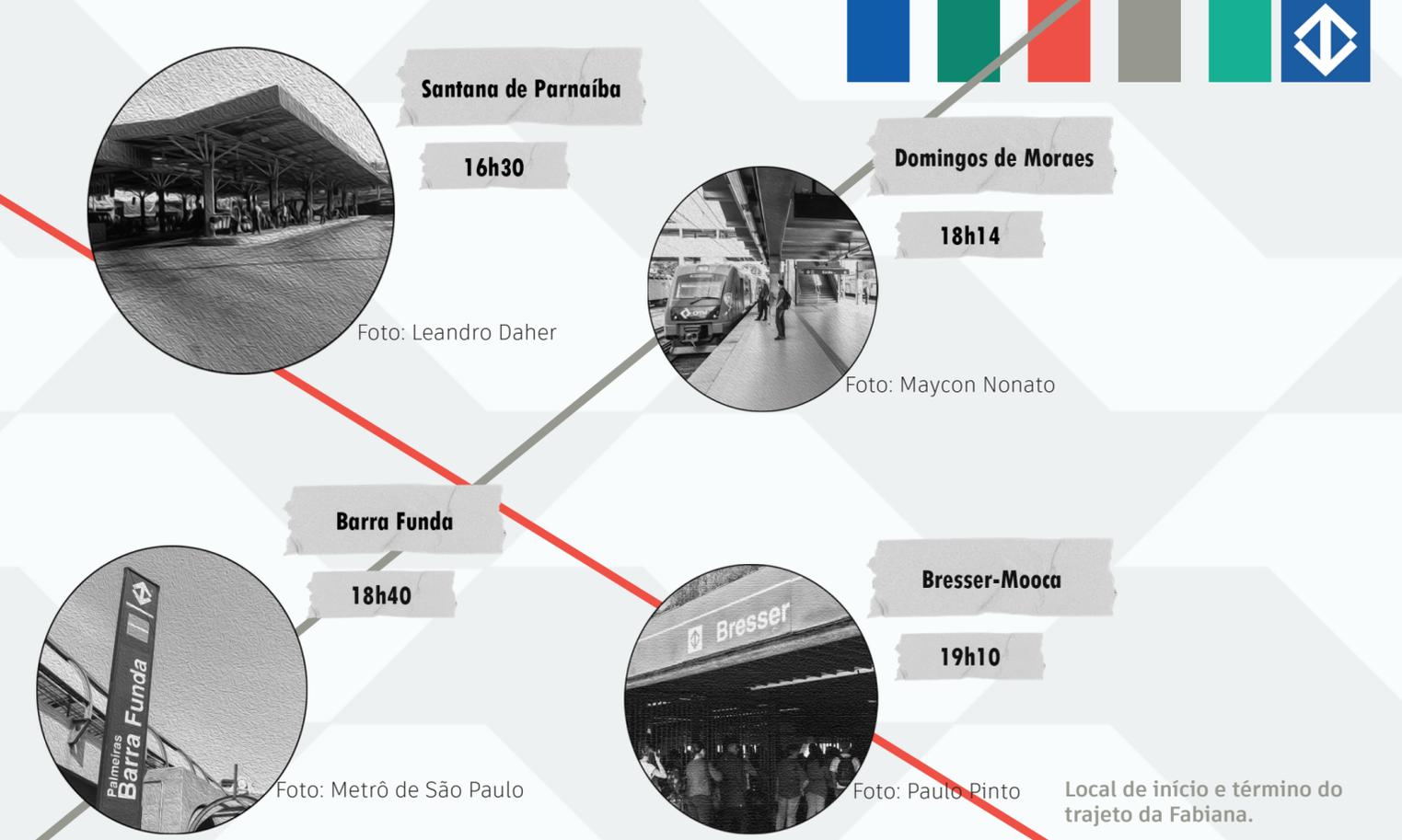
O relógio vira e 19h10 marca o horário de chegada na Universidade. Para Fabi, percorrer duas horas todos os dias para a aula, faz parte de um grande objetivo: se formar em Medicina Veterinária, sendo bolsista 100% PROUNI.

“Quando eu passei no vestibular foi um momento muito feliz, mas esses anos de graduação são de muitos perrengues. A gente passa fome, pega trânsito, passa frio, esquece guarda-chuva e sem contar o espaço acadêmico que não é muito acolhedor às pessoas pretas. Eu sempre tive o sonho de cursar Medicina

Veterinária.”

“O estudo é a única maneira que eu encontrei de sair do lugar onde eu nasci, única forma para conseguir as coisas”.

Símbolos que representam a Medicina Veterinária.
Montagem: Isabela do Carmo
Foto: Marília Carvalho



Uma das muitas lutas para se locomover em São Paulo: o metrô da cidade.
Foto: Roberto Costa

São tantos sonhos tentando chegar aos seus destinos, com pessoas que lutam tanto todos os dias por eles, que apesar de toda a dificuldade que passam no trajeto, continuam correndo contra o tempo para chegar no horário. Apesar da persistência, às vezes dá vontade de desistir, como elas pensaram, mas isso irá beneficiar quem? Nicolly? Bianca? Fabiana? Os únicos beneficiários seriam aqueles que estão no topo do sistema. E como diz na música “Levanta e Anda”, escrita pelo Emicida: “Você não percebeu que você é o único representante do seu sonho na face da Terra? Se isso não fizer você correr, chapa. Eu não sei o que vai”.

